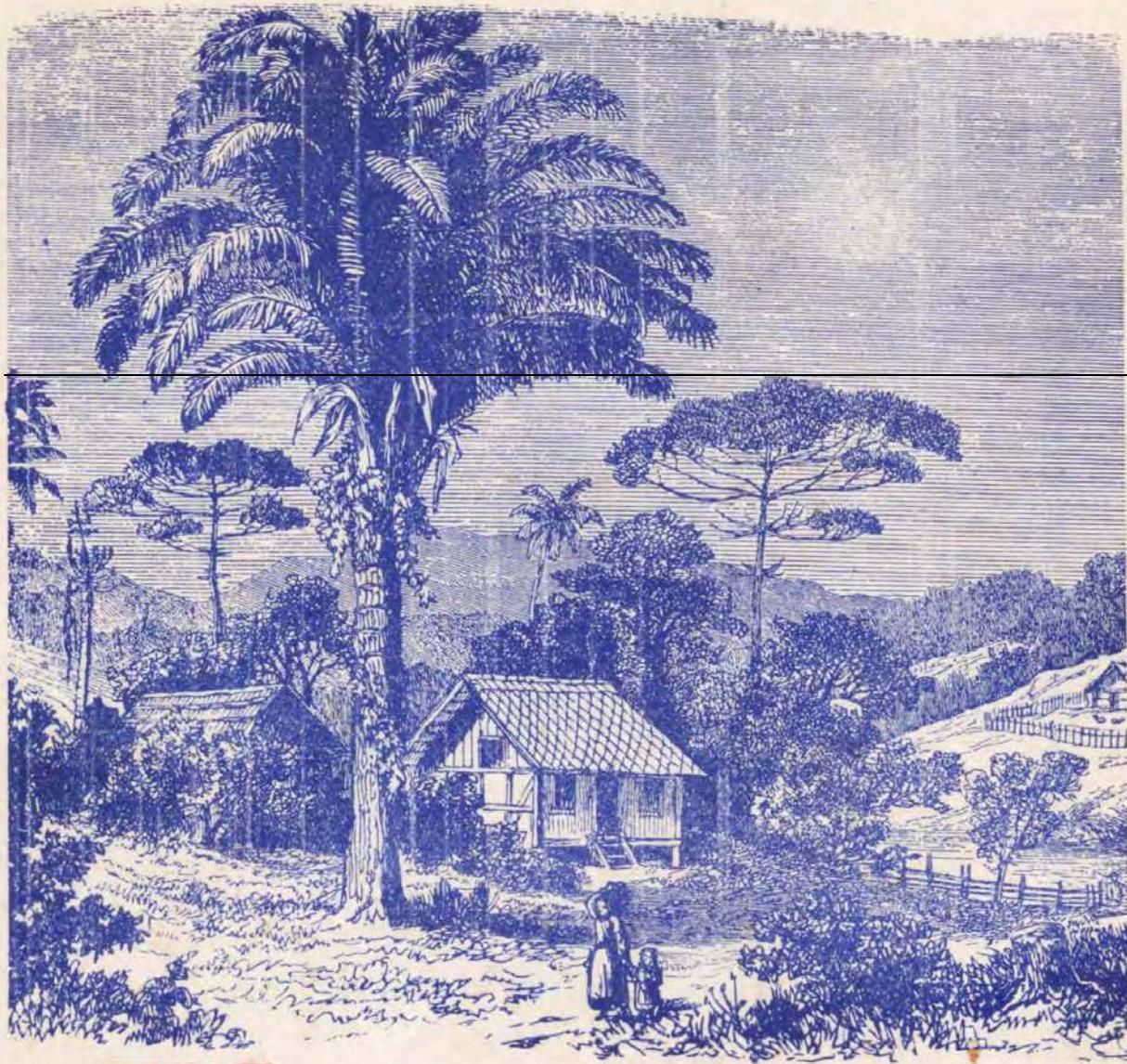


TAXA PAGA



# Blumenau em cadernos

TOMO XIII ★ MARÇO DE 1972 ★ Nº. 3



# Blumenau

*em cadernos*

TOMO XIII

Março de 1972

Nº. 3

## - LORELEY -

ARNALDO BRANDÃO

Com a cabeça encostada no vidro da janela, vou deixando que as estações passem, procurando ler e guardar na memória, seus nomes para mim tão difíceis. É grande a composição e quando alcançamos a grande curva, posso ver a máquina, lá distante, que puxa tôda aquela imensa fita metálica. Cortamos o vale do Reino, tão rico em vinhos quanto em lendas. Entregam-me um folheto com a descrição da próxima cidade. Mainz é uma curva que o rio faz para abraçar a lendária cidade. Nas colinas e morros que a rodeiam, a silhueta escura de castelos e mosteiros medievais. Bem naquele cotovelo verdejante, onde o trem parece afastar-se um tanto respeitoso, conta-nos a saga que a loura e fascinante Loreley cantava noites inteiras com sua voz doce e pungente. Dela se afastavam temerosos os barqueiros. Rema-

vam mais fortemete ou enchiam seus ouvidos com cêra, para não ouvirem a canção que os fazia morrer de amor ou deixar que suas embarcações se espatifassem de encontro as pedras levando para o fundo do rio, tôda a colheita daquela estação. E olhando a colina muito verde e as ameias dos castelos e de suas tôrres redondas, evoca Loreley e me embriago com aquela paisagem que é de uma beleza tôda especial.

Mas deixemos Loreley e sua harmoniosa lenda. Deixemos Mainz e sigamos célebres à Colônia. Prosigo olhando o rio que me faz lembrar o meu Itajai-Açu. Parece que estou viajando à Gaspar e de Belchior. As mesmas margens tão gramadas e os tradicionais chorões que parecem se inclinar até às águas para bebê-las com sofreguidão. Nós o chamamos de sal-

gueiros e, lembro-me de minha infância, quando margeava o nosso rio, eram êles que me encantavam e me pareciam ligar a superfície ao fundo misterioso do rio. Mas estou na Alemanha e viajo ao longo de sua principal via de comunicação fluvial. Sei que essas mesmas águas que partiram de Frankfurt, comigo irão até Dusseldorf. Passarei ainda por Bonn, a terra do meu estimado Beethoven. Eu que saí de Frankfurt onde nascera Goete. E mais adiante, Mayence, bêmço de Gutemberg. Êste rio fabuloso que parece ainda guardar em suas profundezas o ouro do Reino e a magia dos Nibelungs, Genoveva, Lohengrin, Siegfried e Siegmund que passaram certa feita por aqui e por aqui também devem ter cavalgado as robustas e decididas Valquírias. Uma viagem que me reporta à mitologia germânica.

Mas não sonho e vou correndo em busca de Colônia. Fatiguei-me de tanta beleza na paisagem que me rodeia e me deixa ainda mais sonhador. Fecho os olhos e espanto os fantasmas que precedem à madorma. Não quero ver Loreley, nem as Valquírias. Preciso chegar em Colônia, onde farei a baldeação para Dusseldorf e Duisburg. Tenho pressa em chegar e farei apenas uma visita à velha catedral e à urna de ouro onde são guardados os restos dos três Reis Magos. E fico pensando novamente na Loreley, em Siegfried, em Baltazar, Gaspar e Belchior. Teriam mesmo existido ou teriam sido símbolos raciais? Hoje se tem o direito de duvidar de tudo. Reais ou símbolos, nada importa. Mais poderosos nos parecem como representantes da raça loura morena e preta, do que três governantes de países ignotos. Rendo minha

homenagem diante dos 3 símbolos ouro, incenso e mira que significa o poder, o divino e a morte.

Mas, outro comboio me espera e tomo assento em minha poltrona que é sempre ao lado da janela. Novamente o longo rio, com suas pontes que dizem muitas delas terem sido construídas pelos romanos. Claro, as primitivas. Minha reverência à região do Mosel de onde saem os vinhos que são tão famosos quanto a catedral ou as magestosas lendas. Barcos muito grandes e cheios de passageiros vão subindo e descendo com bandeiras da Suíça, da Holanda e da Alemanha. Alguns são cargueiros e outros carvoeiros. Se cruzam, apitam festivamente e lá se vão rio acima, rio abaixo. Na virada de uma colina, reaparece no horizonte a cidade de Colônia tão sacrificada pelos bombardeios. Mas qual delas não sofreu dêsse mal? A silhueta da catedral enorme e cinzenta é verdadeira montanha em meio da fumaça de muitas fábricas suburbanas. Mas a presença de um tosco moinho me vem dizer que Dusseldorf e Duisburg são as minhas terminais e que são próximas da Holanda. Passa por nós, feito uma flexa, o expresso que leva o nome de Rembrandt e que liga Viena a Amsterdam. E no vagão-restaurante, iluminado por pequenas lanternas de acrílico alaranjado, vejo rapidamente cabeças louras que fumam ou levam copos aos lábios. Ê tão suntuoso o Expresso Rembrandt!...

Brasília, julho, 1971.

## Os dias difíceis da Colônia Dom Pedro

Ayres Gevaerd

Continuação do Nº 2 - Tomo XIII - (Página 40)

Os dois anos da presença da primeira leva de poloneses no médio vale do Itajaí Mirim, em «16 lotes», ficaram ligeiramente registrados nos livros e documentos da administração. Mas, na Igreja Católica local encontram-se anotações dos vínculos com a terra, profundos, sentimentais: o «Cemitério dos Polacos», em Príncipe Dom Pedro.

A partida para outras regiões, mais promissora, lhes daria esperanças; mas os olhos velados por lágrimas ficariam voltados para a Colônia que não os recebeu como realmente mereciam. Sairam para sempre, deixando a saudade e a ternura no pequeno cemitério. (4)

X X X

De conformidade com o documento de 14 de agosto de 1871 (5) o êxodo dos poloneses da Colônia Príncipe Dom Pedro, fôra total. Com relação ao seu número, há uma pequena diferença, justificada pela maior ausência de registros oficiais.

Depois de 1872, não existem anotações específicas, acusando a presença de colonos poloneses. Já em 1888, o engenheiro chefe da Comissão de Medição e colocação de imigrantes nas colônias Dom Pedro e Itajay — Brusque, Dr. Reginaldo Cândido da Silva, registra em seu relatório, 26 poloneses, católicos.

Presumo que a chegada de novos colonos, verificou-se entre 1888 a 1890, em grande número, originários de várias regiões da Polônia, entre outras, Moava, Tomachow, Borupia e possivelmente poucos, de algum núcleo colonial no Brasil.

A instalação verificou-se nas linhas Lajeado, Pôrto Franco, Ribeirão da Areia, Ribeirão do Ouro, no vale do Itajaí Mirim; Morro dos Polacos e no vale do Tijucas nas linhas Boa Esperança e Fraternidade, entre outras. Refiro-me somente ao território da antiga Colônia Príncipe Dom Pedro.

Para a linha Guabiruba do Norte, 1a. seção do Distrito de Gaspar, território da Colônia Itajaí — Brusque em 1890, foram destinados colonos de origem germânica vindos de Lodz entre outros, Francisco Kreibich, Carlos Petermann, Thomaz Orcimovoski, João Kammerlinde e Guilherme Kurtz.

Os artesãos de Lodz como seriam conhecidos mais tarde os

poloneses instalados em Guabiruba e outros ainda, chegados poucos anos depois, merecem cuidados especiais na história da indústria têxtil brusquense.

Em princípios de 1896 chegaram 106 imigrantes russo — poloneses, aos cuidados da Agência de Colonização na Vila de Brusque, previamente destinados para o Ribeirão do Ouro, Lajeado Grande, Pínhheral (Nova Trento) e Fábrica de Tecidos de Carlos Renaux.

Acredito, com base em registros da Agência de Colonização Geral de Terras, 2º. Distrito, a leva de 1896 foi a última originária da Polônia para o Itajaí Mirim.

Nos anexos (6) anoto os nomes de um grande número de poloneses entrados nos anos 1888 a 1890 e respectivas linhas coloniais, para possibilitar pesquisas por parte de descendentes com relação ao destino de seus maiores e identificação dos nomes de família com as existentes e identificadas com a vida brusquense.

Nos aludidos livros encontram-se têrmos de requerimentos de colonos poloneses requerendo terras e condicionando pagamentos em prestações nas linhas Ribeirão Miguel, Ribeirão Francês e Ribeirão Joaquim tôdas na ex Colônia Luiz Alves. Alguns sobrenomes: Michalack, Toleck, Himoscki, Ludowski, Vanzeski, Kangerski, Ligner, Lipinski, Gravaliski, Malinski, Ostrowski, Grabowski, Psebeski, Rinckiawiki, Vitachick, Vrobewski, Poleski, Hernaski, Czaplinski, Krochiski, Czaplinski, Terakowski, Kolombinski.

Reconheço que o registro dêesses colonos nada tem a vêr com os poloneses de Príncipe Dom Pedro. Lembro os requerimentos e os sobrenomes na esperança de interessar aos estudiosos da colonização polonesa no sul do Brasil. Edmundo Gardolinski, que publicou excelentes crônicas históricas no jornal "Diário de Notícias" de Porto Alegre, em 1961, e que aqui esteve, há alguns anos, recolhendo subsídios para os seus importantes relatos, certamente concordará comigo.

—0—

Volto aos poloneses entrados nos anos 1888 a 1890. Sabe-se, pela tradição oral, que se dispersaram lentamente, sem alarde, à procura de melhores terras, de tranquilidade, possibilitando melhores dias.

Poucos lembram hoje as desventuras dos primeiros moradores de "16 lotes", e duas décadas depois em suas proximidades, no mesmo distrito colonial, Porto Franco.

As razões do êxodo pois, sob aspecto da tradição familiar, são imprecisas, vagas. A verdade encontra-se nos livros e documentos que citei. Repetiam-se as ocorrências de "16 lotes". Ilustro-as com 2 requerimentos dos muitos que existem.

Nicolau Wietkowski recebeu em 1891 o lote nº 17 na linha

Braço esquerdo do Lajeado Grande. Abandonou-o e anos depois propôs comprá-lo, mediante pagamento em prestações e prazo de 5 anos. Abandonou-o (informação de J.J. Virgílio da Silva — Agente interino do Comissariado de terras e colonização) em 2.2.1902 porque sofria perseguição e dificuldades do cidadão. . . , que desenvolvia, nesse tempo, aos colonos dessa linha, para mais a gosto apropriar-se e explorar madeiras de lei aí existentes e aonde estabeleceu engenho de serra. São êsses os serviços prestados, continua o Agente, ao receber o requerimento, pelos exploradores de madeira os quais, além de apropriarem-se das matas do Estado, dificultam o povoamento e desenvolvimento do solo. Com o recuo do invasor, o requerente poderá voltar tranquilamente ao seu lote.

Em 18 de janeiro de 1902, José Caresia requer o lote nº 7 da linha Braço esquerdo do Lajeado Grande, que pertenceu a Marcelo Burkert, que o abandonou, tendo recebido como auxílio do Estado, 27\$600. Caresia tomou conta do lote como intruso, instalando engenho de serra. Outro requerimento, nas mesmas condições, de um lote que pertenceu a Antônio Goschinski.

Muitos são, pois, os requerimentos de donos de engenhos de serra, interessados nos lotes de poloneses relacionados no anexo 6.

Núcleos colonizadores no Rio Grande do Sul, no sul do Paraná e outros, mais próximos, Pinheral, por exemplo, receberam, a partir de 1900, famílias da linha do distrito Porto Franco.

O número que permaneceu em seus lotes originais e outro que procurou identificar-se com a sociedade brusquense na então vila de Brusque, é muito reduzido. Seus descendentes lembram, frequentemente, os atribulados dias de seus maiores.

Nada mais existe no velho "Cemitério dos Polacos" em Príncipe Dom Pedro, exceto uma grande cruz de madeira que no dia de Finados pessoas piedosas enfeitam com flôres naturais.

Anexo 1) — Colônia Príncipe Dom Pedro, criada em 16.1.1866, instalada a 15.2.1866. Foi extinta a 6 de dezembro de 1869, por Aviso do Ministério da Agricultura e mandado anexar o seu território ao da Colônia Itajaí-Brusque.

A Sociedade Amigos de Brusque instalou um Marco nas proximidades da confluência do Ribeirão Águas Claras e rio Itajaí Mirim para assinalar o local da sede da Colônia.

Anexo 2) Cópia do original — Nº 50 — Diretoria da Colônia Itajahy-Brusque em 31 de Agosto de 1869.

Ilmo. e Exmo. Senhor:

Tenho a honra de submeter á V. Excia. o orçamento incluso, calculado para as despesas á fazer com 94 colonos novos, de nação po-

lacos, aqui chegados no corrente mês de Agôsto, e peço respeitosamente á V. Excía, que se digne de mandar consignar na Thezouraria da Província, pagável ao procurador da Colônia em Destêrro, Snr. Fernando Hackradt, a quantia de Rs. . . . . 7:894\$500, especificada no dito orçamento.

Também ajunto uma relação nominal dos colonos chegados no decurso deste trimestre; para os 60 primeiros colonos já tive a honra de submeter á V. Excía. o orçamento especificado com o officio n.º 41 de 18 de Julho no importante de Rs. 5:054\$000, cuja quantia já recebi inclusa naquella, que me foi paga á conta do Trimestre presente.

Constando que já forão dirigidos á esta Colônia mais 22 famílias de colonos novos, peço respeitosamente á V. Excía. que se digne de mandar consignar em breve o importe do orçamento supra de Rs. 7:894\$500 como também o resto do orçamento trimestral, que junto com o officio n.º 38 de 1 de julho tive a honra de apresentar á V. Excía.

Deos Guarde V. Excía.

Ilmo. e Exmo. Senhor Coronel Joaquim Xavier Neves  
Digno. Vice Presidente da Província de Santa Catarina.

O Diretor: F. von Klitzing.

Anexo 3) Cópia do original — N.º 83 — Directoria das Colônias Príncipe Dom Pedro e Itajahy, em 20 de Outubro de 1871.

Ilmo. e Exmo. Senhor:

Accuso recebido o officio de Va. Excía. datado de 7 do corrente, que acompanhou cópia do Aviso do Ministério da Agricultura, Commércio e Obras Públicas com data de 26 do mês próximo passado á cêrca da emigração de colonos da Colônia Príncipe Dom Pedro, para a Província do Paraná.

Tenho a honra informar a V. Excía. que na Colônia havia 97 polacos; em 22 de Agôsto do anno próximo passado o Exmo. antecessor de V. Excía. remetteo a esta Directoria um telegramma do Presidente da Província do Paraná em que perguntava se os ditos polacos não tinham mandado um seu patricio de nome Sebastião Saporsky para procurar transferi-los para aquella Província, em officio de 6 de Setembro informei a Sua Excía. do que me responderam aquelles colonos.

Em Outubro chegarão mais 46 polacos, foram recebidos muito bem e igualmente tratados, dentro de 6 dias já todos estavam nos lotes que por êles tinham sido escolhidos e logo foram empregados em serviços coloniais; pouco tinha decorrido da instalação deles, começarão se queixar contra os tiradores de madeiras, as boiadas destes estragaram as plantações dos colonos; a este respeito pedi providencias por mais de uma vez; queixaram-se também de não ter uma escola para educar os seus filhos e uma Capela para ouvirem Missa; para êsses dois melhora-

mentos pedi a V. Excia. e ao Governo Imperial em 19 de Dezembro do ano passado, em mês de Maio do corrente ano, estando eu com licença no Rio de Janeiro pedi ao Governo Imperial e em 29 de Julho instei com V. Excia. para o mesmo fim; só em 20 de Setembro último, V. Excia. se dignou mandar-me o Aviso do Ministério d'Agricultura Commercio e Obras Públicas em que me autoriza a criação de uma escola e construção da Capela.

Estes colonos polacos vendo também que o serviço quasi se achava parado por falta de orçamento tecnico e por não haver Engenheiro ou Agrimensor habil para o fazer e como lhes constasse que na Província do Paraná achava-se muito serviço de estradas e como já da Colônia Blumenau tinham emigrado para aquela Província muitos colonos em Abril do corrente ano, achando-me eu no Rio de Janeiro os referidos polacos mandaram dois de seus companheiros na referida Província e ali trataram suas mudanças e no mês de Julho tudo levei ao conhecimento de V. Excia. a este respeito.

O motivo imperioso ao meu vêr é que colono nenhum poderá parar na Colônia Príncipe Dom Pedro em quanto aí existiram as serrarias de madeiras, que aumenta diariamente a entrada dos especuladores ligados com outros piores que é um Leo Arnoldi, etc. Se o Governo Imperial atender mandar acabar com as ditas serrarias a Colônia pode prosperar e ficar uma das melhores, por ter todas condições necessarias. Aqui tem se passado escrituras fraudulentas, vendendo e comprando terras sem estarem quites com a Fazenda. Va. Excia. tem conhecimento disto pelo meu officio de 27 de Junho, igualmente pedi providência á este respeito á Autoridade Civil da Vila de Itajahy, nada se tem feito, os especuladores de madeiras cada vez mais acoroçoados e os colonos sofrem dêles, ficando desgostosos e querem emigrar.

Deos Guarde á V. Excia.

Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. Joaquim Bandeira de Gouvêa — DD  
Presidente da Província de Santa Catarina.

JOÃO DETSI — Diretor

Anexo 4) No livro de registros de óbitos da igreja Católica local, encontrei os seguintes: "No dia 11 de outubro de 1870 faleceu o inocente João Otto com a idade de um ano e cinco meses e foi enterado no dia doze, no cemitério dos Polacos na dita Colônia. O falecido é filho de Simão Otto e Rosalia Gabriel".

No dia 21 de dezembro do mesmo ano, Margarida filha de Ignacio Millek e de sua mulher Suzana Kubis.

Em 1871, no dia 2 de janeiro, Maria Anna Stemka; 3 de janeiro, João Purkott; 14 de Janeiro, Margarida, filha de João Hileck; 26 de fevereiro, Juliana Gbur. Todos os falecidos eram crianças com pouco mais de um ano, indicando a idade, o nascimento na próxima Colônia.

Os sobrenomes Gbur, Stempka e Purkott, se identificam com

participantes da leva dos imigrantes que primeiro chegou a Pilarzinho.

Anexo 5) — Cópia do original

Ilmo. Senhor Diretor:

Nós abaixo assinados colonos da Colônia Itajahy na grande crise em que atualmente se acham as colônias por falta absoluta de moeda, não tendo vindo há perto de um ano dinheiro algum para essas colônias e não podendo nós, ainda querendo, quasi nunca mais ganhar dinheiro e, enfim não podendo nos com viveres só satisfazer ainda aos nossos mais indeclinaveis misteres, tomamos na dura necessidade, em que estamos, cheios de confiança a liberdade de recorrer á Va. Sa., nosso incansavel e digno. Senhor Diretor pedindo-lhe Digne-se fazer constar nossa miseria ao Govêrno de S.M. para que esse mesmo Govêrno sempre tão generoso para com os estrangeiros Digne-se, achando justa a causa mandar-nos outra vez para serviços de estrada as quantias, que Va. Sa. achar indispensaveis, para nos podermos existir aqui com nossas famílias e para não se apoderar também desta Colônia este fatal espirito de desanimo e descontentamento que fez sair antes os Irlandeses e Ingleses e agora toda a população polaca, estando nós firmes para ficar, si nos restarem os meios absolutos para podermos viver aqui nós e nossos filhos.

Colônia Itajahy, 14 de Agôsto de 1871.

Ilmo. Senhor Major João Detsi — Digno. Diretor das Colônias Principe Dom Pedro e Itajahy. Seguem-se 106 assinaturas.

Anexo 6) — Braços esquerdo e direito do Ribeirão Lajeado Grande — Porto Franco: Moisek Przibilski, Julio Wosniack, Francisco Kociela, José Marciniack, Nicolau Wietkowski, Francisco Schafrcinski, João Dolifka, José Kaizmareck, Pedro Simianowski, Stanislaw Rosieczki, Antonio Glowaczki, Vicente Drzenwinski, José Sakrenta, Ignacio Suma, Clemens Soboleski, Stanislaw Kotowski, Antonio Gesezinski, José Karolski, João Marcuzewski, Stanislaw Dolinski, Wladislau Kotowski, Albin Nasguezvitz, Antonio Stono, Julio Selonke, Woizeck Przibiloski, Francisco e Wladislav Siedlarzicki, Martin Troardowski, Stanislaw Prasa, André Folkowski, Marcelo Burkert, Antonio Goschinski, Teofilo e João Klinkowski, Carlos Lipowski, Francisco Mankowski, A. Rogoski, Stefan Ginlas, Antonio Zeiss, Miguel Zabelski. (Lotes abandonados em 1891).

Ribeirão da areia: Miguel Walendowski, Estanislau Gerski, Alfredo Grigerowski.

Margem direita do rio Itajaí Mirim, também distrito de Porto Franco: Wladislau e Francisco Siedlarszczick, Adolfo Dereschewski, Casimiro Borkewicz, Adolfo Zieski, Guilherme Marczeweki, José Koscielne, Otto Simbitzki.

# UM PREITO DE SAUDADE

POR GUSTAVO KONDER

Apesar de não possuir o dom de biografar, desejo escrever algo aos meus leitores sobre a vida atribulada do meu saudoso mano Alexandre Marcos Konder, um ano mais velho do que eu.

Nasceu em Itajaí, no ano de 1904, no velho casarão aporuguesado, de muitas janelas, com vidros triangulares e de muitas côres, e que pertenceu ao velho Pedro Mueller e mais tarde ao velho Marcos Konder Senior, meu avô paterno. Atualmente este casarão histórico não existe mais.

Foi batizado na antiga Igreja Matriz, localizada na Praça Vidal Ramos, e onde tomou o nome de Alexandre Marcos, em homenagem aos seus dois avós: Alexandre Justino Régis, do lado materno, e Marcos Konder Senior, do lado paterno.

Aos sete anos, o magrinho e espigado Alexandre, aprendeu as primeiras letras na escola particular da competente professora Da. Alzira Palumbo, prima do grande itajaíense Lauro Severiano Mueller, frequentando, às tardes, a Escola Alemã, da Comunidade Evangélica.

Em virtude da falta de escolas oficiais, meu pai resolveu leva-lo á Florianópolis, para ser interado no Ginásio Catarinense que, naquele tempo, era administrado por padres e professores alemães. Tinha, apenas, a risonha idade de 8 anos. Me lembro, com

nostalgia, do seu embarque, juntamente com papai, no simpático vapor "Max", atracado no trapiche Malburg e, também, como a nossa amorosa mamãe chorava copiosamente, cobrindo o seu rosto com as mãos. Eu, ingenuamente, indiferente, me interessava apenas pela manobra de desatracação do pequeno paquete.

Durante os longos 6 anos do seu internamento, Alexandre nunca deixou de escrever, semanalmente, uma carinhosa carta aos seus pais e, mensalmente, enviava-me um exemplar do "O Echo", a famosa revista dos estudantes católicos de São Leopoldo, do Rio Grande do Sul.

Comportou-se como um dos melhores alunos, tirando sempre honrosas notas e contando com a amizade e admiração dos austeros padres do Ginásio, entre eles o sábio Padre Schuler, diretor do estabelecimento, e do Padre Schrader, eminente professor de diversas materias.

Em 1917, concluiu o seu curso ginásial, imediatamete matriculou-se na famosa Faculdade de Direito de São Paulo, aonde também saíram, brilhantemente formados, os tios Adolfo e Victor Konder, saudosos e ilustres itajaíenses.

Nas aulas da Academia, encontrou colegas que eram da imprensa e a eles ligou-se, para começar a colaborar nos jornais e

revistas da Paulicéa, tomando grande entusiasmo pela literatura e em pouco tempo tornou-se um "conteur" de ficção original e admirável. Também, nos últimos, anos de estudo, presidiu o celebre "Centro 12 de Agosto" da Faculdade de Direito, e escreveu diversas crônicas espirituosas para a revista mensal do referido Centro.

No ano de sua formatura, em 1925, casou-se com uma moça de antiga e conceituada família paulista, Da. Laura Horta, passando a lua de mel em Itajaí.

O tio Adolfo Konder era governador do nosso Estado e o admirava muito: por este motivo ofereceu-lhe o lugar invejável de promotor público de Blumenau, para assim iniciar os seus primeiros passos na política catarinense, porém Alex não aceitou, preferindo voltar a S. Paulo, a fim de continuar a sua vocação de jornalista e escritor. Depois mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou entusiasticamente na imprensa, principalmente na "Gazeta de Notícias", sob a batuta do grande jornalista Alfredo Bernardes. Tomou grande vulto a campanha feita por ele, para a pacificação Chaco Boreal - a inútil guerra entre Paraguai e Bolívia, que considerava benéfica apenas para os "trustes" internacionais, por causa da riqueza petrolífera nos áridos desertos do Chaco.

Em virtude da falta de outros dados, vou transcrever, nesta página, uma parte da biografia elaborada por meu saudoso pai:

"Como os jornais pagavam mal e ainda hoje remuneram es-

cassamente os seus colaboradores intelectuais, incumbidos de redigir notícias, sueltos e reportagens, o Alex resolveu empregar-se, como intérprete, na imprensa de maior circulação, fornecendo comunicados e notícias dos consulados e embaixadas alemães e japonesas, afim de fomentar o intercâmbio cultural entre aqueles países e o Brasil.

Começou também a empreender, como reporter, diversas viagens á Italia e Alemanha, durante o início da segunda guerra européia e uma, mais demorada, ao Japão, a convite dos respectivos governos: Datam dessa época o folheto de "Um reporter na Guerra Européia" e os diversos trabalhos sôbre o milenário Japão, a saber: "Imperialismo e Legítima Defesa", "Os mandatos de B e C e a Liga das Nações", "Vidas e Tradições Japoneses" e a "História do Japão", única publicada em português. Fez também um curto vôo ás repúblicas do Pacifico e escreveu uma reportagem a respeito.

Quando terminou a Segunda Guerra passou pelo desgosto de ser preso e encarcerado, como amigo dos Alemães, na Casa de Correção do Rio, durante quase dois anos. Pagava pelo crime de ser neto de um alemão e era assim vítima dessa campanha infame e cruel de nacionalização que se apoderou do Brasil durante a República Nova e ainda reaparece, de quando em vez, nos Estados do Sul, especialmente em Santa Catarina. Foi absolvido, unanimemente, pelo Tribunal de Segurança, mas talvez fosse um dos motivos que o levaram tão cedo á sepultura. Sua mãe amantíssima visitava-o uma vez por semana, como

era permitido, para levar-lhe comida fresca e sadia que o aliviava da boia infame da detenção. Devido a essa prisão e a de outro filho (Valério), minha pobre Maria Corina (Sinhá) sentiu reagrar-se profundamente o seu mal do coração e assim foi ela em 1946 para outra vida, onde certamente não há prisões nem Algozes.

Desse período escreveu um livro "O Poema do Prisioneiro". Assim como Silvio Pellico contou "As minhas prisões" e Oscar Wilde "A balada do Cárcere de Reading", Alex vasou neste poema em prosa, todo o seu estado d'alma durante os dias em que esteve no cárcere, a conversar com uma ave que vinha bater todos os dias às grades do presídio. Este poema foi prefaciado pelo ilustre homem de letras Joaquim Ribeiro.

Uma vez liberto, Alex, embora alquebrado de corpo e de espírito, continuou a sua faina de jornalista. Por indicação do seu grande amigo, Dr. Ademar de Barros, foi nomeado diretor da "Tribuna de Minas" de Belo Horizonte.

Em princípios de 1952, empreendeu uma viagem á Síria e ao Líbano, cuja reportagem completa não conseguiu publicar.

Um dos grandes abalos morais, que agravou o seu estado de saúde, foi o fato de ser nomeado auxiliar da Embaixada Brasileira em Bonn, na República Federal da Alemanha, e depois tornada sua nomeação sem efeito, ainda em virtude de ter sido amigo dos alemães antes da Guerra. Para coonestar esta tapeação (eis o termo predileto da época) "disseram" que era a Alemanha quem não queria o Alex. (Eu sei quem foi o "intrigante e germanofobo", porém

prefiro não revelar o seu nome. O grifo é meu .G.K.)

Espírito combativo, por excelência. SP, por um lado, conquistava amigos dedicados, por outro lado angariava adversários implacáveis (comunista). Mas não conservava ódios nem rancores.

Apesar de ter tio ministro e outro governador, senador e deputado federal, que o ajudavam em suas publicações, não fez questão de um emprego público, de sorte que, ao falecer, não deixou sequer uma pensão. Apenas uma casa modesta em Botafogo, adquirida com a herança de sua esposa. Seu vício era a coleção de antiguidades, de objetos e desenhos exóticos e originais.

Mas, se nada deixou em bens materiais, legou ao Brasil diversas obras que falarão de sua vida espiritual sobre a terra. O seu último livro foi "Os Halifax", um romance do vale do Itajaí, editado pela Organização Simões. Os direitos autorais, infelizmente, serviram ainda para auxiliar a sua hospitalização.

Deixou inéditas duas peças dramáticas, das quais uma denominada "A grande aventura", Pascoal Magno, na sua campanha idealista pelos talentos moços, mandou ensaiar para ser levada em breve á cena no seu Teatro Duse. (Eu não sei se foi encenada. G.K.)

Como chefe de família, tudo fazia pelos seus, especialmente pelas duas filhas gêmeas, as quais deixou casadas. Mas o casamento não o afastava da casa de seus pais. Adorava a sua mãe como um crente venera uma santa. Tôdas as manhã lhe telefonava, pergun-

tando pela sua saúde. Quando ela estava morrendo, ele foi o único filho que estava no quarto a assistir aos seus últimos momentos. Sinhá, num sorriso, despediu-se dele, dando-lhe a mão, antes de exalar o último suspiro. Quando Alex foi sepultado, quase sete anos depois, foi enterrado no mesmo túmulo ao lado dela e lá estão os corpos quase enlaçados pela morte, mas as suas almas de crentes repousam na mão de Deus eternamente».

Termina aqui a parte biografada por meu saudoso pai e em seguida relatarei um caso, que me foi revelado pelo próprio Alex, quando esteve, pela última vez, em Itajaí, em 1950.

Acabando de visitar a Alemanha, resolveu passar pela Itália, afim de visitar o Vaticano, satisfazendo assim o seu antigo e dourado sonho.

Depois de passear pela enorme praça de São Pedro, circundada nos dois lados, por numerosas colunatas, artisticamente esculpidas, entrou no comprido e largo corredor interno das referidas colunatas, para apreciar o teto, igualmente ornamentado de inumeras gravuras, feitas pelos mais famo-

sos pintores da antiguidade. Ficou surpreso ao ouvir, inesperadamente, alguém que se achava atrás dele, chamar-lhe pelo seu nome: «Konder»! Atonito virou-se e logo reconheceu o seu velho e encânecido professor Padre Schrader, dos tempos do Ginásio Catarinense, tinha os seus braços cruzados e estava todo sorridente. Foi um encontro indiscriminadamente emocionante. Quase choraram. Então o padre levou-o á visitar também o interior da rica Basilica para mostrar-lhe todas as obras dos mais famosos pintores e escultores e, ainda, conseguiu uma audiência especial do Papa, ex-cardeal Pacelli. Este o abençoou e presenteou-o com uma fotografia sua autografada. Esta fotografia o Alex conservava em casa em lugar de destaque, juntamente com um rosário, doado pelo Padre Schrader.

O meu querido e saudoso mano Alexandre faleceu em 1953, quase esquecido e abandonado pelos inumeros amigos... Somente o seu verdadeiro amigo e colega Dr. Renato Barbosa, professor da Faculdade de Direito de Florianópolis, escreveu, para a imprensa frorianopolitana, uma comovente biografia, logo que soube do seu prematuro falecimento.



**A** denominação de «Trombudo» dada a serras e rios de S. Catarina é muito antiga. Em 1791, agentes dos governos das Capitanias de S. Paulo e de Santa Catarina, cravaram um marco na Serra do Trombudo «distante 15 léguas de Lages», como limite leste entre as duas capitanias. (Naquele tempo, o território de Lages estava sob a jurisdição do governo de S. Paulo).

# NOTAS PARA A HISTORIA

## AGRARIA DE SANTA CATARINA

Por WALTER F. PIAZZA

O encontro ocasional, entre papéis de velho cartório, do 1º Livro de Sesmarias do Governo da então Capitania de Santa Catarina, abrangendo o período de 1753 a 1806, faz por merecer um estudo acêrca da história da estrutura agrária do nosso Estado.

Inicialmente vale perlustrar alguns dados acêrca do sistema das sesmarias.

«Concediam-se as terras (dá-lo João Dornas Filho», Aspectos de economia colonial, «p. 8 e ss.) a quem as requeresse ao Governador da Capitania que despachava em nome de el-rei, dependendo a sua posse, entretanto, de confirmação da Mesa do Desembargo do Paço». E, continua: «O processo de concessão era simples e expedito. O pretendente requeria a posse das terras que indicava, e o representante de el-rei mandava passar-lhe a Carta de Sesmaria, na qual constava, depois de ouvido o Procurador da Coroa, que a concedia sem interpelação de outras terras, ainda que fossem inúteis, e com a condição de demarcá - las dentro do prazo de um ano».

Tudo isto é válido. Mas, importante mesmo é saber onde, no atual território catarinense, foram distribuídas.

É do «Livro 1º de Registro de Sesmarias de 1753 a 1806» o termo de abertura que está assim vasado:

«Livro q. hade servir na Ilha de Sta Catharina pannelle selançarem as dattas das terras q. Sua Magde. manda dar aos cazaes q. paixão das Ilhas dos Assores estabelecesse no Estado do Brazil, em q. se devem declarar todas as confrontaçõens das dittas dattas. Lixa. 28 de Ag de 1747. Alex<sup>a</sup> Metello de Souza Menezes.

Nada melhor que o «Índice das Concessões e Sesmarias constantes do 2º tomo de Registro Geral e 1º das concessões e sesmarias desde 2 de junho de 1753 a 26 de junho de 1806», para delas falar:

Ano	Mês	DIA	N. de braç	Nome dos Concessionários	Lugar da Concessão
1753	junho	2	1400	José Luiz Marinho	Cubatão
	maio	20	300	Pedro da Costa Cardoso	Ponta do Fernando

	maio	24	100	Gregório Je. de Freitas Sza.	Terra Firme
	»	28	100	João Soares	Saco de Itacolomi
	»	18	355	Antonio Dias da Rocha	Idem
	julho	3	700	Manoel Roiz d'Araujo	Barreiros
	setembro	18	1500	José Bernardo Galvão	Biguassu
	julho	16	400	Luiz Martins	Ponta do Cacopé
	outubro	10	170	João Pereira Cardoso	Sacco
1758	setembro	9	300	Francisco Vidal da Sa	Sta Anna
1759	junho	22	500	Miguel Gonçalves Leão	Embahu
	agosto	28	400	Manoel da Rocha	Enseada dos Cast.
	setembro	6	108	Manoel Gonçalves dos Stos	Santo Antonio
	novembro	6	140	Manoel da Ventura	Ponta Grossa
1760	janeiro	2	100	Manoel Duarte	Rio do Tavares
1770	agosto	8	400	João Je. de Leão	Rio do Chiqueiro
	julho	3	6000	João da Costa	Orossanga
	abril	7	6000	Franc <sup>o</sup> Je Per <sup>a</sup> Coutinho	Rio Acaray
1772	julho	11	750	Mei de Mirda Bitancurt	Rio Cubatão
1773	outubro	20	750	Elias Alexandre Sa	Maruhy
	setembro	27	3000	Manoel de Moraes Pedroso	Tubarão
1772	fevereiro	22	3000	Manoel G. Leite de Barros	Araranguá
1774	janeiro	19	400	João d' Andrade	Praia das Frexas
			100	o mesmo	Freg <sup>a</sup> da Lagoa
	fevereiro	28	400	Maria do Espirito Santo	Caputera
			400	a mesma	Maruhy
	abril	5	9000	João da Costa da Silveira	Araranguá
	junho	22	500	Francisco da Rocha Cota	Serraria
	março	21	100	José Nunes Dinis	Morro dos Ingleses
	julho	2	200	João Pereira Valle	S. Miguel
	»	2	200	Agostinho Feruz de Carvalho	Idem
	junho	26	150	Silvestre Soares	Maruhy
		26	750	Francisco Glz de Mesquita	Idem
	julho	28	600	Matheus Antonio	Rio dos Bobos
	junho	16	1500	D. Guiomar H. da Cunha	Rio Tavares
	agosto	5	750	Jacinto Jaques Nicós	Tubarão
	»	5	750	João da Costa Moreira	Idem
	»	20	750	José Luiz Marinho	Aririu
	setembro	4	400	Antonio José Nunes	Ingleses
1775	março	15	400	Pedro da Silva Barros	Massambu
	»	17	800	João Marcos Vieira	Enseada das Palmas
	julho	12	495	Domingos da Ponte Cabral	Na Ilha
	fevereiro	10	808	D. Guiomar H. da Cunha	Coivara
	maio	2	920	D. Antonia M <sup>a</sup> da Cunha	Prejubahé
	março	15	1500	Manoel Soares Coimbra	Saco do Maruhi
1776	janeiro	21	60	Izabel de Jesus	Ribeirão
	fevereiro	27	750	José da Silva Pereira	Biguassu
	abril	2	150	João Luiz Poisão	idem
	agosto	13	160	José da Rosa Luz	Ratones
	dezembro	22	120	Paulo Lopes Falcão	Saco dos Limões
1777	fevereiro	18	350	Francisco Je. de Castro	Biguassu
		12	550	Luiz Gomes de Carvalho	Laguna

		17	185	Manoel Borges	Sacco dos Limões
	março	10	500	José Cardoso Caldeira	Caiaçanga
	maio	9	294	Fran <sup>o</sup> Gomes de Mag <sup>a</sup>	Garopaba
	junho	2	275	Antonio Vieira Affonso	Idem
1778	janeiro	27	65	Manoel Cardozo de Souza	Lagoa
	fevereiro	1	248	Manoel Vieira e outros	Idem
		13	250	Fran <sup>o</sup> Xer Fernandes	Laguna
	fevereiro	22	600	Antonio dos Stos Xavier	Rancho do Ouvidor
	março	28		Antonio José Fernandes	Campos dos Pinheiros
		29	152	Bernardo da Costa	Rib. Grande (Laguna)
	abril	3	400	Manoel da Costa Fraga	Caeira
	dezembro	2	750	Matheus Caetano de Sza	Aririu
1787	março	15	360	Antonio Machado Lopes	Picadas do Sul
	novembro	28	120	João dos S. a A. Fernandes	Lagoa
1788	março	15	420	Alexandre José da Sa	Morro da Barra
	maio	15	750	Miguel Antonio da Silv <sup>a</sup>	N. S. das Necessidades
	agosto	19	750	Manoel Garcia Pires	Enseada de Brito
	outubro	30	125	Manoel Machado Lucas	Rio Tavares
	novembro	26	240	Antonio Fran <sup>o</sup> Minsores	Laguna
1789	janeiro	26	104	Fran <sup>o</sup> de Souza Xavier	S. Miguel
	fevereiro	19	400	João de Sza Bitancurt	Cubatão
	julho	22	750	Anastácio Silv <sup>a</sup> de Sza	Maruhy
1790	março	12	750	Joana do Nascimento	Pantano
1790	março	17	900	Miguel Fran <sup>o</sup> de Fraga	Laguna
	setembro	20	260	Antonio Vieira Rabello	Rio Tavares
		30	950	Manoel Vieira Fernandes	Enseada de Brito
	dezembro	18	82	Aleixo Maria Caetano	Itacoroby
1791	março	22	313	Fran <sup>o</sup> da Rocha Cota	Biguassu
	maio	20	750	Vicente Zuzarte Pinto	Idem
		30	360	Manoel Soares Serrão	Passavinte
	setembro	20	594	Antonio Correa da Silv <sup>a</sup>	Lagoa
		23	300	José Fran <sup>o</sup> de Medeiros	Rio Maruhy
		24	750	João da Costa da Silv <sup>a</sup>	Sacco
		30	190	Aleixo Corra d'Andrade	Passavinte
1793	maio	20	750	Ignacio Custódio de Sza Lobo	São José
	junho	20	400	Manoel da Cunha	Biguassu
		23	300	Luiz Gomes de Carvalho	Laguna
1794	janeiro	17	350	José Rodrigues da Costa	Rio Cubatão
	março	31	350	Antonio Silv <sup>a</sup> Dutra	Rio Biguassu
1795	setembro	18	375	Manoel Vargas Rodrigues	São José
1803	abril	20	60	Ana Maria do Sacramento	Ribeirão
1804	abril	28	220	Manoel Dutra Garcia	Barreiros do Ribeirão
	maio	5	160	João José de Sa Brandão	Praia das Pissaras
1805	janeiro	6	750	Manoel Luiz da Rosa	Estrada do Certão
	fevereiro	18	100	João Francisco da Luz	Biraquera
	março	11	150	Ignacio Garcia dos Stos	Rio dos Pinheiros
	março	15	100	José Felix dos Santos Xavier	R. da M <sup>a</sup> . ou Embaú
	abril	3	140	Fran <sup>o</sup> de Souza Leal	Sta Ana
		18	41	Miguel Francisco da Costa	Lagoa
	maio	21	41	João dos Stos e outros	Dita

1805	junho	20	75	Monoel Fernando Claro	M <sup>a</sup> das Laranj <sup>a</sup>
		22	300	João Teixeira da Cunha	Tijucas Gran. (Barra)
	julho	11	133	Francisco Ferr <sup>a</sup> da Costa	Costa do Norte
		11	100	José Felix dos Stos Xer.	Idem
	agosto	24	200	Antonio Fran <sup>o</sup> da S <sup>a</sup>	Itapocoroy
		4	155	Ant <sup>o</sup> Eugenio de M <sup>a</sup> Tavares	Araribá
		16	250	Rodrigo Antonio d'Espindola	Rio de Una
		23	95	Cypriano José de Mattos	Biraquera
		«	250	Joaquim José Soares	Sta Anna
		28	150	Fran <sup>o</sup> de Miranda Cout <sup>o</sup>	Pão d'Açucar
«		400	José Rodrigues dos Passos	São Fran <sup>o</sup>	
15		200	João da Rocha Linhares	S. Miquel	
setembro	20	260	José Correia de Mird <sup>a</sup>	Corrego Grde	
	»	170	Patrício Manoel de Bitancurt	Garopaba	
outubro	2	34	Manoel Jé. de Bitancurt	Enseada	
	23	27	João de Sza de Quasros	Ponte das Pedras	
	29	60	Maria dos Anjos	Lagoa	
	30	61	Anastacio Pereira	Retiro	
novembro	5	271	Joana Pereira	Quebra - cabaços	
	18	137	Miguel Ferreira	Laguna	
	19	400	D. Rita Ignacia d'Almeida	Tapera	
1806	dezembro	4	55	Manoel Lopes d'Oliv <sup>a</sup>	S. Anna
	janeiro	11	100	Ignacio Rodrigues d'Oliv <sup>a</sup>	Zimbros
		30	70	Fran <sup>o</sup> Ferreira Braga	S. Francisco
	fevereiro	30	100	Fran <sup>o</sup> Lopes de Sza	Dito
		31	80	Ignacio de Oliv <sup>a</sup> Falcão	Dito
		11	170	Pedro de Sza e Silva	S. Miguel
		»	175	Antonio Dias Bello	S. Franc <sup>o</sup>
	abril	2	200	Gonsalo Da Silveira	Dito
			200	Salv <sup>o</sup> Fernandes do Rozário	Dito
	1806	abril	30	150	Manoel de Oliveira Cercal
maio		9	150	João José de Sá Brandão	Itapocoroy
	16	200	Manoel Espindola	Vargem de Rotones	
	23	80	Maria de São José	Pescaria Brava	
junho	10	250	Antonio Alex. da Maia	S. Franc <sup>o</sup>	
	14	300	Ignacio Je. Linhares	S. Miguel	
	18	40	José Silveira da Roza	S. Anna	
	»	68	Florentino Quaresma Gomes	Laguna	
	26	101	Manoel Antonio de Sza	N. S. das Necessidades	

Vale a título de esclarecimento, para determinar certas características da demarcação e posse de uma sesmaria, trancrever a de Antônio dos Santos Xavier:

«Francisco de Barros Moraes Teixeira Omem, Cavaleiro profeço na Ordem de Christo, Fidalgo da Casa de S. Magestade, Brigadeiro de Infantaria dos Exércitos da mm. Srna. e Governador da Ilha de Santa Catarina.

Faço saber aos que esta minha Carta de Sesmaria

virem, que atendendo a representar-me o Capitão Antonio dos Santos Xavier, morador nesta Vila, que ele se achava de posse pelos requerimentos e despachos correntes que me apresentava e demarcados na forma deles de duas verbas de terras citas na Estrada, q. vai para a Va. da Laguna, em aparagem denominada o Rancho do Ouvidor, termo da mesma Vila, tudo na Forma Seguinte: tem a primeira verba trezentas braças de terra de frente, que correm de Leste a Oeste fazendo frente ao rio denominado Garopaba cuja linha teve princípio na barra do mesmo Rio; e correndo as competentes linhas para os fundos de seicentas braças cada uma ao rumo do Sul, a q. compreendem em si cento e cinquenta braças do Mato de Garopaba, tem no fim de cada uma seu competente marco a saber: da parte de Leste um pau de seu nascimento denominado Giribá, no qual se lhe cravou uma Cruz: e da parte de Oeste tem outro denominado Nunhurara, no qual se lhe cravara uma Cruz: confronta pela frente com o Rio Garopaba: e pelo Sul com Domingos Vieira Gularte; tendo pelas picadas paus de seu nascimento com golpes de machado para divisão. Igualmente tem a segunda verba trezentas braças de terra de Frente com seiscentas de fundos: Corre de linha da frente Norte Sul, e teve princípios em uma pedra grande redonda; que está no Canto da praia de Miraquera, e que foram findar em um areal alto, ficando ai por marco um pau denominado Boléa de seu nascimento e nele se cravou uma Cruz: e correndo as linhas de fundos a Oeste, tem por marco da parte de sul um pau de Arasá com uma Cruz, e da parte do Norte um pau de figueira com uma Cruz: Confrontando pela frente com o Mar Groso, pelo Sul e Oeste com faxinais e pantanos e pelo Norte com areais e terras realengas: tem pelas picadas seus paus com entalhes de Machado para divisa», e assim por diante, enumerando todo o processamento havido, até final despacho.

E, como esta são todas as demais concedidas aos «casaes de numero», ou aos seus descendentes que atendendo ao apêlo de El-Rei, entre os idos de 1748 a 1756, vieram, das nove Ilhas dos Açores e daquelas da Madeiras, povoou as terras de Santa Catarina.

É importante salientar, desde já que, não há grandes latifúndios nas concessões enumeradas.

São, na sua maioria, pequenas glebas. As «braças» portuguesas (2, 2 m) ali mencionadas são referentes à frente (ou testada) das concessões.

É bom que se diga que uma ou outra permanecem íntegra formando, no perpassar dos anos e das gerações, uma gleba latifundiária.

Uma outra observação que ressalta é a ocupação paulatina e constante, em termos de legalização - de direito e de fato - de todo o litoral catarinense pelo povoador vindo das Ilhas.

E, ao concluir-se esta nota preliminar vale dizer que o estudo da estrutura agrária é necessário no conhecimento fundamental dos problemas do desenvolvimento economico - social de uma região. Do solo, no tocante ao seu aproveitamento, às partilhas sofridas resulta, inequivocamente, o enriquecimento ou empobrecimento regional.

Assim, este primeiro esboço tentará demonstrar, na medida do possível, a validade da premissa.

# A Nossa Franciscana

## Terra

Arnaldo S. Thiago

### NOSSOS ANTEPASSADOS ÍNDIGENAS - NOSSA HISTÓRIA

De todos os estudos arqueológicos levados a efeito na ilha de São Francisco do Sul, a mais setentrional do Estado de Santa Catarina, chega-se à conclusão de que nesta pequena gleba do nosso imenso Brasil estabeleceu-se uma das tribus tupi-guaranis que povoaram o extenso litoral de nossa pátria, em épocas muito anteriores ao descobrimento destas americanas terras pelos europeus. E como geograficamente se pode dizer que o homem é o produto do meio, temos de reconhecer que a tribo aqui estabelecida desses antigos aborígenes, teve ambiente propício ao desenvolvimento de uma cultura que atingiu a elevado grau, principalmente moral, de civilização, o que se evidencia pela acolhida fraterna e hospitaleira dada pelos primitivos habitantes da ilha aos franceses da expedição chefiada pelo fidalgo francês Binot Paulmier de Gonneville e que em 1504, em sua nau «L'ES-POIR», veio arribar às plagas franciscanas, por necessitar de concertos o barco em que se fizera ao mar, naqueles tempos heróicos de ousados navegadores e descobridores de terras.

Cacique dessa tribo era o generoso Arosca, mediante cujas

ordens os seus súditos prestaram aos navegantes franceses todo o auxílio em trabalho, material e alimentos, de que necessitaram durante os seus oito meses de estadia às margens da Babitonga, aplicados em reparar os estragos sofridos pela nau em que excursionavam, mas também em estabelecer relações amorosas com as afetuosas donzelas indígenas, das quais provieram os mestiços que deram lugar à sub raça dos carijós, produtos, como se sabe, da miscigenação entre europeus e indígenas brasileiros. Também como exemplo do elevado grau cultural adquirido pelos súditos de Arosca, deve-se ter em conta o fato de haver êsse chefe indígena confiado o seu primogênito Içá-Mirim aos cuidados de Gonneville que, não podendo restituí-lo aos paternos braços, deu-lhe esmerada educação e cultura ocidental, oferecendo-lhe a mão de Susanne, sua sobrinha, de cujo matrimônio com o já então Essomeric, nome afrancesado de Içá-Mirim, procedem altos representantes dessa linhagem que pode ser chamada franco-tupi guarani. Essa a primeira página da linda História franciscana que precisa ser tida em alta consideração pela sua ancianidade e resplandescência.

Depois, no século dezessete, aqui tivemos os espanhóis que, também recebidos hospitaleiramente pelos naturais, aumentaram, pela natural miscigenação, o coeficiente valioso dos Carijós. Nesta gleba nascido, temos o ilustre Hernando de Trejo y Sanabria, que se elevou à categoria de Bispo de Tucuman e foi o fundador da Universidade de Córdoba. O ardor com que frei Hernando defendeu os naturais da terra que lhe foi confiada espiritualmente, contra a sanha escravizadora dos espanhóis, tornou-o um dos maiores vultos da civilização americana.

Por último, como sucesso mais significativo da História local, a que dedicamos o nosso pequeno volume de «EVOLUÇÃO CULTURAL», temos a vinda, a êste privilegiado torrão natal, de Manoel Lourenço de Andrade, a quem se deve a fundação da cidade de São Francisco, hoje tão procurada turisticamente pela beleza de suas praias atlânticas e que devia ter

conservado, para êsse fim de natureza cívica, os seus poucos monumentos, dentre os quais o último a ser destruído foi o do morro do Hospício, onde se erguiam as ruínas de um templo sob cujos alicerces, informou-me o confrade Oniroativo Doin e Silva, foi encontrado grande cofre de ferro, no interior do qual havia a ata da fundação do templo inacabado e moedas de prata que foram por aqui vendidas, tendo êle adquirido duas das mesmas, afirmando-me que o cofre foi ter às mãos do sr. Frederico Wildner.

Destarte, como o adro que circundava a igreja matriz, como o cruzeiro que se erguia fronteiro a êsse templo, como o Gnomun ou relógio do sol, ali chantado por Jerônimo Coelho, ao tempo em que viera demarcar as terras da Princesa Dona Francisca, hoje a cidade de Joinville, como a antiga carioca, tudo se perdeu na voragem do tempo...



**E**m 1749, a 2 de fevereiro, o Coronel Manoel Escudeiro Ferreira de Souza, tomou posse da governadoria de Santa Catarina como seu segundo governador. O primeiro fôra o General José da Silva Paes.

## — BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 10,00 —

Caixa Postal, 425 - 89 100 - BLUMENAU - Santa Catarina - Brasil

## — TRÊS PINGOS DE HISTÓRIA —



Naturalmente que, ao fundar a sua colônia, em 1850, o Dr. Hermann Blumenau montou, também, o seupequeno escritório, donde administrava o empreendimento.

Esse escritório funcionou, durante mais de vinte anos, na casa de Guilherme Friedenreich, o primeiro prédio de alvenaria construído na Colônia, em terreno ao lado da atual Biblioteca "Fritz Müller". A princípio, e até que se estabelecesse a primeira casa de negócio de secos e molhados, o Dr. Blumenau montara, também, ao lado do escritório, um pôsto de venda de gêneros de primeira necessidade.

Em setembro de 1877, concluído o prédio da Administração da Colônia, o Dr. Blumenau transferiu para êle o seu escritório.



Data de 1º de setembro de 1882 a nomeação de Paulo Schwarzer para o cargo de Juiz Comissário de Terras e Colonização do município de Itajaí, com jurisdição no de Blumenau. Schwarzer era filiado ao Partido Liberal, na época no poder e, depois da proclamação da República, foi exonerado daquelas funções, tornando-se advogado provisionado. Durante a Revolução de 1893, sofreu uma série de vexames, em virtude das suas ligações com os "maragatos". Escapou de ser fuzilado na Fortaleza de Santa Cruz.



O Sindicato Agrícola de Blumenau foi uma organização que prestou grandes serviços ao desenvolvimento econômico do Vale do Itajaí. Primeiramente instalou um pôsto agro-pecuário em Salto Weissbach, depois em Indaial. Interessou-se pela colonização de vasta área de terras no Alto Vale. Foi o responsável pela fundação da Caixa Agrícola de Blumenau, antecessora do Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina.

Foi, justamente, a 1º de Setembro de 1907 que foram lançadas as bases para a criação do Sindicato Agrícola, em reunião realizada no Salão Paupitz, em Passo Manso.



**O** Morgado de Matheus, governador da Capitania de São Paulo, em 9 de julho de 1766 nomeou Antônio Corrêa Pinto capitão-mor do Sertão de Curitiba e ordenou-lhe que criasse uma povoação na parada chamada «das Lages» (hoje a cidade de Lages).

# Distribuidora Catarinense De Tecidos S/A.

Rua XV de Novembro, 25 — Caixa Postal, 157

Telegrs.: «DISTRIBUIDORA»

Fones: 22-0825 e 22-0827

## BLUMENAU - S.C.

Tecidos e Artefatos das Melhores Fábricas Têxteis do País

Vendas Sómente Por Atacado

Empresa Industrial

Garcia S/A.

BLUMENAU - ESTADO DE SANTA CATARINA  
Escritório e Fábrica: Rua Amazonas, 4906 — Garcia  
Enderêço Telegráfico: "GARCIA" - Caixa Postal, 22

Fiação e Tecelagem de Algodão

FIOS DE ALGODÃO DE SUPERIOR QUALIDADE  
TOALHAS FELPUDAS DE ROSTO E BANHO  
TOALHAS DE MESA - PANO DE COPA

LENÇOS - ROUPÕES, ETC. - ATOALHADOS  
CRETONES E OUTROS TECIDOS